

Mauremys leprosa (Schweigger, 1812)

Cágado-mediterrânico

Galápago leproso, Spanish Terrapin

TAXONOMIA E FILOGEOGRAFIA

Mauremys leprosa está incluída na família Bataguridae, sendo uma das três espécies do género *Mauremys*, junto com *M. caspica* e *M. rivulata*, que ocorre na região Mediterrânica. As três espécies foram classificadas inicialmente como subespécies de *M. caspica* com base em dados morfológicos (Busack & Ernst, 1980), mas estudos recentes baseados na análise do DNA mitocondrial confirmaram a sua separação ao nível específico (Mantziou *et al.*, 2004). É de realçar que *M. leprosa* é a mais divergente das três formas, apesar de persistirem muitas dúvidas sobre a filogenia do género (Barth *et al.*, 2004; Mantziou *et al.*, 2004). Outros trabalhos, igualmente baseados no DNA mitocondrial, sugerem uma história filogeográfica comum entre *M. leprosa* e *Emys orbicularis* na Península Ibérica e Norte de África (Fritz *et al.*, 2005a). Foi observada uma maior proximidade genética entre as populações da Península Ibérica e as do Norte do Magreb do que entre estas e as localizadas a sul e leste das montanhas do Atlas (Fritz *et al.*, 2005a; 2005b). Por outro lado, a diversidade haplotípica é superior no Norte de África, o que sugere uma colonização relativamente recente da Península Ibérica (Fritz *et al.*, 2005b).

DISTRIBUIÇÃO GLOBAL

Esta espécie distribui-se pelo Sudoeste da Europa (Portugal, Espanha e Sudoeste de França) e Noroeste de África, incluindo Marrocos, Argélia, Tunísia, Oeste da Líbia, Níger, Mali e Sul da Mauritânia (Ernst & Barbour, 1989). Em Espanha ocorre principalmente na Extremadura e Andaluzia, estando ausente apenas da região das Astúrias (Da Silva, 2002). Está presente de forma quase contínua no Sul, ocupando a maioria das zonas húmidas que se localizam abaixo dos 1100 m de altitude (Da Silva 2002). Na Catalunha e Norte da região de Valência encontram-se os maiores núcleos do Nordeste ibérico.

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

Em Portugal, a espécie é autóctone e as primeiras referências conhecidas da sua existência datam do século XIX (Bocage, 1866 *in* Boscá, 1877). Apresenta uma distribuição contínua a sul do rio Tejo, e a norte é mais comum nas regiões interiores da Beira e de

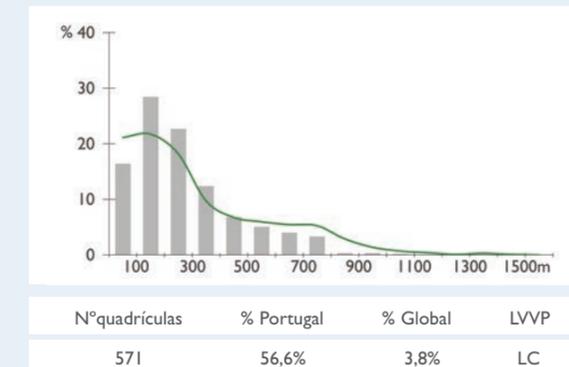
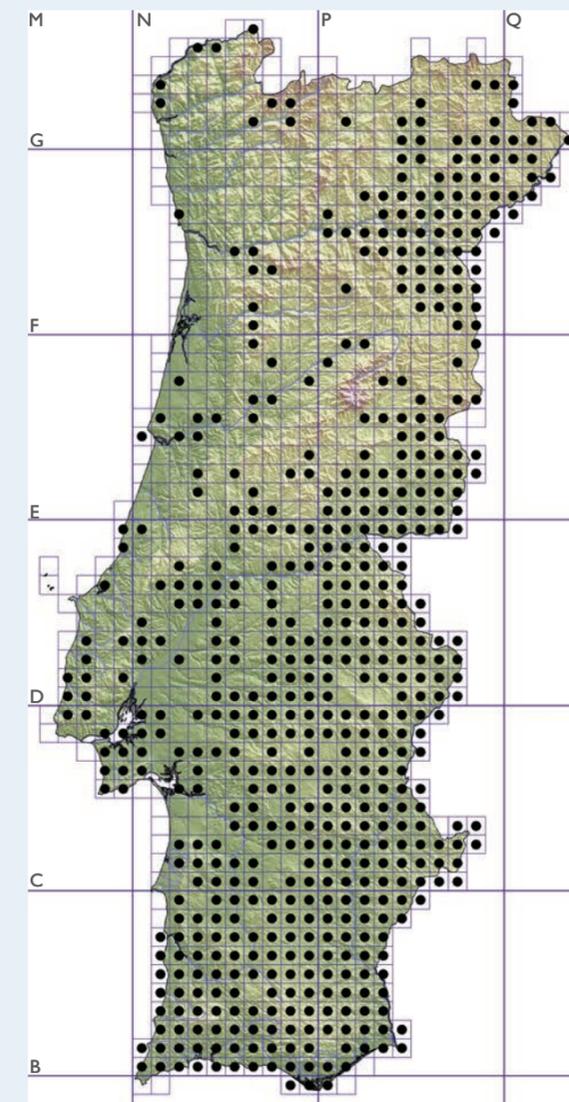
Trás-os-Montes. No litoral, a norte de Coimbra, foram localizadas apenas algumas populações dispersas. A espécie ocorre desde o nível do mar até aos 930 m de altitude. É importante salientar que existem localizações na área metropolitana de Lisboa não confirmadas nos últimos trinta anos. Este facto deve-se, provavelmente, às drásticas alterações de uso do solo e à destruição total do habitat, pelo que a espécie se poderá ter extinguido nesta região. As únicas observações recentes referem-se à Lagoa Azul (Sintra), à Lagoa de Albufeira (Sesimbra) e a zonas pouco urbanizadas dos concelhos a sul do estuário do Tejo. No Minho, além das referências antigas, existem observações recentes de poucos indivíduos que correspondem, provavelmente, a populações de dimensões reduzidas.

CONSERVAÇÃO E AMEAÇAS

Em Portugal, a espécie foi classificada como “Não Ameaçada” (Cabral *et al.*, 2005). No entanto, a alteração e destruição do habitat, particularmente dos cursos de água e zonas palustres, poderá levar à diminuição dos efectivos desta espécie. É importante realçar que em Espanha o cágado-mediterrânico tem o estatuto de “Vulnerável” devido ao desaparecimento de inúmeras populações nos últimos 20 anos (Da Silva, 2002). Na União Europeia a espécie é protegida, sendo requerida a designação de áreas especiais para a sua conservação (Directiva 92/43/CEE). Embora não existam trabalhos de longa duração que permitam inferir tendências gerais sobre a evolução das suas populações, existem factores de risco associados às características biológicas da espécie que podem ter influência na sua conservação. Com efeito, os cágados possuem características demográficas que os tornam especialmente vulneráveis, designadamente uma elevada longevidade, taxas de fecundidade relativamente baixas e uma idade de maturação sexual tardia (Gibs & Amato, 2000). Apresentam, conseqüentemente, uma baixa capacidade de recuperação das populações quando aumenta a taxa de mortalidade de adultos (Congdon *et al.*, 1993; 1994), tornando-os especialmente vulneráveis à fragmentação e degradação dos habitats e dificultando a colonização de novas áreas. Por outro lado, o carácter normalmente gregário das populações pode

também potenciar o efeito das ameaças, nomeadamente da poluição e da captura ilegal. A única população de *M. leprosa* para a qual se possui uma série temporal mais longa apresenta alguns indícios de declínio, nomeadamente um decréscimo de mais de 50% da proporção de juvenis e subadultos entre 1997 e 2005 (P. Segurado, L. Matos, P.R. Araújo, dados não publicados). Este decréscimo pode estar relacionado com o incremento da pesca desportiva na área de estudo e o aumento acentuado da densidade de Lagostim-vermelho-da-Louisiana, *Procambarus clarkii*. Na verdade, experiências conduzidas recentemente demonstraram a ocorrência de ataques deste lagostim sobre juvenis de cágados (Marco & Andreu, 2005), pelo que não é de excluir a hipótese de um impacto negativo desta espécie exótica sobre as suas populações. As medidas de conservação mais importantes incluem, essencialmente, a preservação dos habitats aquáticos, a prevenção da destruição das margens, e o restabelecimento e reabilitação de zonas degradadas, nomeadamente através do tratamento de águas residuais de origem urbana e industrial. Estas medidas deverão ser aplicadas prioritariamente nos locais de ocorrência da espécie incluídos nos sítios propostos para integrar a Rede Natura 2000.

Paula Rito Araújo e Pedro Segurado



CC



PhE



Juvenil

PhG